



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM E FORMAÇÃO
DOCENTE - LINFOR

DÉBORA TOMÉ DA SILVA MATIAS

**MENTALIDADE FIXA E MENTALIDADE DE CRESCIMENTO:
Desafios do aprendizado escolar**

Recife,
2024

DÉBORA TOMÉ DA SILVA MATIAS

**MENTALIDADE FIXA E MENTALIDADE DE CRESCIMENTO:
Desafios do aprendizado escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente da Universidade Federal de Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Estudos da Linguagem e Formação Docente.

Orientador (a): Profa. Dra. Renata
Barbosa Vicente

Recife.
2024

MENTALIDADE FIXA E MENTALIDADE DE CRESCIMENTO: Desafios do aprendizado escolar

Débora Tomé da Silva Matias

LINFOR/UFRPE

RESUMO

Este estudo investiga a importância e o impacto da mentalidade do aluno no processo de aprendizagem, analisando como as crenças que os estudantes possuem em relação às suas habilidades — e ao desenvolvimento dessas habilidades — influenciam seu desempenho escolar. Adota-se uma abordagem fundamentada em uma revisão bibliográfica da literatura existente sobre a teoria de Carol Dweck, bem como outros estudos relevantes nas áreas de educação, psicologia e aprendizagem. A análise da literatura indica que alunos com mentalidade de crescimento acreditam que suas habilidades podem ser desenvolvidas com esforço e prática, o que se reflete em maior motivação e persistência diante dos desafios. Em contrapartida, alunos com mentalidade fixa tendem a não acreditar no desenvolvimento de suas capacidades e, como resultado, demonstram maior propensão à desistência diante de obstáculos. Com base nas evidências levantadas, o estudo conclui que é fundamental que os professores promovam a mentalidade de crescimento em sala de aula, utilizando estratégias pedagógicas que incentivem o esforço, a prática e o aprendizado a partir da experiência do erro. O estudo também sugere a realização de futuras investigações empíricas sobre a aplicação da mentalidade de crescimento em diferentes contextos educacionais, por meio de entrevistas e intervenções práticas em sala de aula.

Palavras-chave: Mindset, Mentalidade fixa, Mentalidade de crescimento, Aprendizagem, Sucesso e Fracasso Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Ajudar o aluno a aprender de forma eficaz é um desafio constante para os educadores. Compreender os caminhos que facilitam esse aprendizado, identificar as dificuldades enfrentadas pelos alunos e auxiliá-los a superá-las é um objetivo central do trabalho docente. No ambiente escolar, as dificuldades de aprendizagem podem surgir de uma série de fatores, tanto internos ao aluno quanto relacionados ao seu contexto externo, como questões sociais, emocionais, psicológicas,

familiares e cognitivas. Esses fatores, de forma geral, influenciam diretamente o desempenho escolar e podem se tornar barreiras para o aprendizado.

Nesse cenário, os professores buscam constantemente novas estratégias de ensino que envolvam processos e técnicas projetadas para facilitar a ação cognitiva de pensar, recordar e aprender. Quando bem empregadas, essas estratégias têm o potencial de maximizar o aprendizado dos alunos e favorecer seu desempenho escolar.

Uma revisão da literatura realizada por Farrington et al. (2012a) sobre fatores não cognitivos — como habilidades, atitudes, crenças e estratégias — destaca o importante papel desses elementos no sucesso escolar. Os autores concluíram que, no cotidiano escolar, os alunos demonstram uma variedade de comportamentos, atitudes e estratégias essenciais para o processo de aprendizagem, como habilidades de estudo, frequência, hábitos de trabalho, gerenciamento do tempo, comportamentos de busca de ajuda, estratégias metacognitivas e habilidades de resolução de problemas sociais e acadêmicos. Segundo Farrington et al. (2012, p. 4), “a aprendizagem é uma interação entre fatores cognitivos e não cognitivos e a inteligência está embutida tanto no ambiente quanto nos processos socioculturais”.

Nesse estudo, os pesquisadores identificaram cinco categorias gerais de fatores não cognitivos relacionados ao sucesso escolar: comportamentos escolares, perseverança acadêmica, mentalidade escolar, estratégias de aprendizagem e habilidades sociais. Este artigo focaliza especificamente a categoria da mentalidade escolar.

O termo “mentalidade” (ou *mindset*, em inglês) tem se disseminado amplamente na internet nos últimos anos, com frases como: “Mude seu *mindset*” ou “Seu crescimento é limitado pelo seu *mindset!*”, despertando curiosidade sobre seu significado e impacto no sucesso dos indivíduos — especialmente no âmbito escolar. A popularização do termo está associada ao livro *Mindset: A nova psicologia do sucesso* (2017), da psicóloga Carol Dweck, da Universidade de Stanford, especialista internacional em sucesso e motivação. Dweck (2017) aborda como a mentalidade — a atitude mental com que encaramos nossos objetivos — pode influenciar diretamente nosso sucesso ou fracasso. No contexto educacional, a

autora destaca como a mentalidade impacta o desempenho acadêmico e o desenvolvimento do potencial dos alunos.

As mentalidades são crenças relacionadas à capacidade humana, com duas principais perspectivas: a mentalidade fixa, que considera habilidades e inteligência como características inatas e imutáveis, e a mentalidade de crescimento, que acredita no potencial de desenvolvimento por meio do esforço e da dedicação. A mentalidade fixa pode levar à falta de disposição para enfrentar desafios e ao abandono de tarefas, enquanto a mentalidade de crescimento incentiva a perseverança e a superação das dificuldades. Farrington et al. (2012) referem-se a essas crenças como mentalidades acadêmicas, definindo-as como “as atitudes ou crenças psicossociais que alguém tem sobre si mesmo em relação ao trabalho acadêmico” (Farrington et al., 2012, p. 11).

Tanto Dweck (2017) quanto Farrington et al. (2012) abordam a mentalidade como fator determinante do desempenho escolar. Estudantes com mentalidade de crescimento tendem a ser mais persistentes e motivados em suas atividades escolares, o que contribui para um ciclo positivo de aprendizagem, refletido em melhor desempenho. Por outro lado, aqueles com mentalidade fixa enfrentam maiores dificuldades, pois tendem a reprimir a perseverança, prejudicando seu rendimento escolar.

Os objetivos desta pesquisa são: analisar se a mentalidade do aluno é um fator determinante para o sucesso ou insucesso em sua aprendizagem; compreender as definições de mentalidade propostas por Dweck (2017) e por Farrington et al. (2012), bem como as contribuições de Piaget e Vygotsky para o entendimento do processo de aprendizagem; e identificar os benefícios de desenvolver a mentalidade de crescimento na educação.

A pergunta central que norteia esta investigação é: as mentalidades fixa e de crescimento interferem na aprendizagem dos alunos?

Este trabalho pretende contribuir para a área educacional, oferecendo uma compreensão mais aprofundada sobre a dinâmica da mentalidade no processo de aprendizagem. Ao compreender como a mentalidade de crescimento pode influenciar a motivação, o engajamento e a perseverança dos alunos, educadores poderão desenvolver estratégias mais eficazes para fomentar esse tipo de

mentalidade, promovendo uma participação mais ativa e consciente nas atividades escolares e tornando os estudantes protagonistas de sua própria evolução.

Com base nas conclusões desta pesquisa, será possível pensar em estratégias concretas para estimular a mentalidade de crescimento nos alunos, como incentivar o esforço contínuo, valorizar os processos de aprendizagem e reforçar a importância da persistência diante das dificuldades.

2 A APRENDIZAGEM E OS MINDSETS

A aprendizagem configura-se como um processo complexo que envolve dimensões cognitivas, emocionais, psicossociais e culturais, conforme argumentam Tabile e Jacometo (2017). Tais dimensões exercem influência direta tanto sobre o processo de aquisição de conhecimento quanto sobre os resultados educacionais obtidos pelos estudantes.

Nesse contexto, os princípios fundamentais das teorias de Dweck (2017), sobre a mentalidade (*mindset*), de Piaget (2010), a respeito do desenvolvimento cognitivo, e de Vygotsky (1991), com sua abordagem socioconstrutivista, oferecem diferentes perspectivas teóricas que, de forma complementar, contribuem para a compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento no ambiente escolar.

2.1. A mentalidade fixa e de crescimento

Dweck (2017) destaca, em sua pesquisa, que a crença que um indivíduo possui acerca da natureza de suas habilidades — se estas são fixas ou passíveis de desenvolvimento — influencia diretamente seu comportamento, sua determinação diante dos desafios e, conseqüentemente, suas conquistas ao longo da vida.

A mentalidade fixa refere-se à crença de que as habilidades são inatas e imutáveis. Indivíduos que compartilham dessa visão tendem a buscar validação constante, apresentam receio do fracasso e evitam desafios por temerem que suas limitações sejam expostas. Essa postura pode comprometer o desempenho em diversas esferas da vida, incluindo o contexto escolar.

Os mindsets dão estrutura ao registro que ocorre na cabeça das pessoas. Orientam todo o processo de interpretação. O mindset fixo cria um

monólogo interno focalizado no julgamento: “Isso significa que sou um fracassado”, “Isso significa que sou melhor do que eles”, “Isso significa que não sou bom marido”, “Isso significa que meu parceiro é egoísta”. (Dweck, 2017, p.105)

Mentalidade de crescimento: Refere-se à crença de que as habilidades podem ser desenvolvidas por meio do esforço, da persistência e do uso de estratégias que favoreçam a aprendizagem. Por exemplo, ao ser solicitado a realizar uma leitura em voz alta, um aluno com mentalidade fixa pode se frustrar e desistir diante da dificuldade. Em contrapartida, um aluno com mentalidade de crescimento tende a buscar alternativas, como praticar a leitura em casa, até alcançar maior competência.

Indivíduos com mentalidade de crescimento estão constantemente em busca de desafios e empenham-se no desenvolvimento de estratégias de aprendizagem mais eficazes, além de demonstrarem maior resiliência frente às adversidades. Essa postura é de fundamental importância para o sucesso escolar, uma vez que tais indivíduos encaram os erros como parte integrante do processo de aprendizagem e, a partir deles, ajustam suas estratégias.

Além disso, essas pessoas costumam manter um diálogo interno positivo, no qual se encorajam à superação dos obstáculos em vez de adotarem uma postura autocrítica destrutiva. Esse padrão de pensamento contribui significativamente para o engajamento e o progresso acadêmico.

As pessoas de mindset de crescimento também observam constantemente o que acontece, mas seu monólogo interno não trata de julgar a si mesmas e aos demais dessa maneira. Sem dúvida são sensíveis a informações positivas e negativas, mas estão afinadas com suas implicações para o aprendizado e a ação construtiva: Que posso aprender com isso? Como posso me aperfeiçoar? Como posso ajudar meu parceiro a fazer melhor? (Dweck, 2017, p 105)

Esses conceitos nas pesquisas de Dweck (2017) sugerem que a mentalidade pode ser desenvolvida, o que, por sua vez, contribui para a promoção do desenvolvimento de intervenções educacionais baseadas na abordagem de desafio, autoaperfeiçoamento e potencialização do próprio aluno.

O mindset de crescimento se baseia na crença na mudança, e a parte mais gratificante de meu trabalho é observar as pessoas mudarem. Nada é melhor do que ver as pessoas encontrarem os caminhos para chegar àquilo a que dão valor. Este capítulo trata de crianças e adultos que conseguiram encontrar a maneira certa de utilizar suas habilidades, e de como todos nós somos capazes de fazer o mesmo. (Dweck, 2017, p. 104)

A maneira correta de utilizar essas habilidades, segundo Dweck (2017), é entender que “elas são cultivadas por meio do esforço”, incluindo as habilidades intelectuais. Muitos alunos carregam a crença de que nasceram com uma quantidade limitada de inteligência, o que pode impactar significativamente seu desempenho escolar.

Conforme argumenta o filósofo Alfred Binet, inventor do teste de QI, em seu livro *Ideias modernas sobre as crianças...*

Alguns filósofos modernos [...] afirmam que a inteligência de um indivíduo é uma quantidade fixa, uma quantidade que não pode ser aumentada. Devemos reagir e protestar contra esse pessimismo brutal. [...] Com a prática, o treinamento e, acima de tudo, o método, somos capazes de aperfeiçoar nossa atenção, nossa memória e nossa capacidade de julgamento, tornando-nos literalmente mais inteligentes do que erámos antes. (Dweck, 2017, p. 7)

Esse é o pensamento de um aluno com mentalidade de crescimento: a crença de que é possível se tornar mais inteligente e evoluir por meio do esforço, dedicação, persistência e resiliência. Se é possível aumentar a inteligência, torna-se essencial compreender como ocorre a construção do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo.

2.2 Jean Piaget: A Construção do Conhecimento e o Desenvolvimento Cognitivo.

Jean Piaget (2010) não era pedagogo, como muitos frequentemente acreditam, mas um biólogo suíço interessado na natureza humana. Foi a partir desse interesse que iniciou suas pesquisas sobre a inteligência humana. Ele viu na

psicologia uma ciência que lhe permitiria realizar experimentos sobre a mente e compreender como o conhecimento é construído.

O objetivo primordial de Piaget era o de responder a duas perguntas básicas sobre o conhecimento: como é possível alcançar o conhecimento? Conhecimento de quê? Com base em suas pesquisas, descobre e explica que "conhecimento significa: organizar, estruturar e explicar, a partir do experimentado, do vivido." E a resposta para a segunda pergunta de PIAGET é: "conhecimento do mundo em que vivemos, do meio que nos circunda". (Garcia, 2010, p.17)

A teoria de Piaget (2010), conhecida como construtivista, destaca a participação ativa da criança na construção do seu conhecimento por meio da interação com o ambiente.

Um conceito central na teoria de Piaget (2010) é o desenvolvimento cognitivo, que ocorre a partir de processos denominados: assimilação, acomodação e equilíbrio. A criança incorpora novos dados aos seus esquemas mentais já estabelecidos e ajusta esses esquemas quando se depara com informações que os desafiam, buscando um equilíbrio em sua compreensão.

Piaget (2010) descreve como as crianças passam por diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo, com cada fase envolvendo formas distintas de pensar e interagir com o mundo. Esses estágios são fundamentais para compreender como o conhecimento é construído ao longo da infância. Os estágios apresentados por Piaget são os seguintes: Sensório-motor, que vai do nascimento até cerca de 2 anos de idade; Pré-operatório, dos 2 aos 7 anos de idade; Operacional concreto, dos 7 aos 11 anos de idade; e Operatório formal, a partir dos 11 anos de idade.

Em cada um desses estágios, observa-se a evolução do indivíduo, que amplia e modifica suas estruturas e características a partir das necessidades do objeto que assimila, aperfeiçoando-o ao avançar para o próximo estágio. Para Piaget (2010), o desenvolvimento da inteligência não ocorre pela eliminação do erro, mas pela adaptação das características cognitivas ao longo do tempo. Cada criança, ao avançar de um estágio para outro, vivencia o erro como uma etapa crucial para sua evolução – seja ao tentar engatinhar, andar ou falar.

Isso ressoa com a ideia de Dweck (2017) sobre a mentalidade de crescimento, na qual o erro é visto como uma oportunidade de aprendizado,

essencial para o progresso, e não algo a ser evitado. Dweck (2017) afirma que “logo que as crianças aprendem a se avaliar, algumas passam a ter medo de desafios”. Com isso, muitas crianças acabam se tornando aquelas que não aprendem, pois temem errar, tirar notas baixas, serem avaliadas negativamente pelos outros e se sentirem menos inteligentes, uma vez que acreditam que as pessoas inteligentes nunca erram. Essa crença sobre a aprendizagem influencia a maneira como os alunos enfrentam os desafios cognitivos e a resolução de problemas, fazendo-os acreditar que quem erra não evolui. No entanto, para Piaget e Dweck, quem erra aprende mais uma forma de não fazer algo.

Em contrapartida, para indivíduos que adotam o mindset de crescimento, o processo de evolução é compreendido como a capacidade de enfrentar desafios, sendo o erro interpretado como uma oportunidade para o aprendizado e, conseqüentemente, para o aprimoramento intelectual.

Segundo Piaget, o conhecimento não está no sujeito-organismo, tampouco no objeto-meio, mas é decorrente das contínuas interações entre os dois. Para ele, a inteligência é relacionada à aquisição de conhecimento na medida em que sua função é estruturar as interações sujeito-objeto. (apud Ferraciale, 1999, p. 181)

A interação com o ambiente é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois é por meio dos erros e acertos que o conhecimento é construído, o que contribui para o aprimoramento das capacidades intelectuais do indivíduo. Dweck (2017) ilustra de maneira clara a distinção entre as mentalidades fixa e de crescimento ao relatar o exemplo de uma estudante da 7ª série. A aluna expressa que, para ela, a inteligência está intrinsecamente ligada ao esforço e à aprendizagem derivada dos erros. Ela aponta que, ao levantar a mão para tentar responder ou fazer uma pergunta, está ampliando sua inteligência, mesmo ciente de que pode cometer erros, pois compreende o erro como uma parte integrante do processo de aprendizagem.

Acho que a inteligência é uma coisa que exige esforço para se conseguir [...] não é simplesmente um dom [...] A maioria das crianças não se oferecem para responder a uma pergunta se não tiver certeza da resposta. Mas eu geralmente levanto a mão para responder, porque se estiver errada, meu erro será corrigido. Ou então levanto a mão e pergunto: “ Como posso

resolver esse problema? ”, ou “Não entendi bem. Você pode me ajudar? ”. Fazendo isso, estou aumentando minha inteligência. (Dweck, 2017, p. 13)

O receio de cometer erros está intrinsecamente associado à mentalidade fixa, o que frequentemente resulta na baixa participação dos estudantes nas atividades em sala de aula. O erro não deve ser encarado como algo a ser evitado, mas sim como uma etapa do processo de aprendizagem, uma oportunidade para identificar alternativas equivocadas e, assim, aproximar-se da resposta correta.

No contexto educacional, compreender o papel do erro no desenvolvimento cognitivo, conforme Piaget (2010), e a relevância do esforço para o aprendizado, conforme Dweck (2017), pode fornecer aos educadores as ferramentas necessárias para criar um ambiente que seja simultaneamente acolhedor e desafiador. Em vez de punir o erro, os professores podem utilizá-lo como uma oportunidade de crescimento. Por exemplo, ao observar um aluno que hesita em participar de uma atividade devido ao medo de errar, o educador pode reforçar que o erro faz parte do processo de aprendizagem e que todos estão em um percurso contínuo de evolução. É por meio dessa interação social e da vivência de desafios que o aluno terá a oportunidade de se desenvolver e avançar.

2.3. Teoria de Lev Vygotsky – Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e o Papel da Interação Social

Lev Vygotsky (1991) foi um psicólogo que desenvolveu a psicologia histórico-cultural e trouxe contribuições essenciais para a compreensão dos processos de aprendizagem, especialmente por meio do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Suas ideias exercem um impacto direto no campo educacional, proporcionando uma visão mais profunda sobre como a interação social influencia o aprendizado.

Um dos conceitos fundamentais na teoria de Vygotsky (1991) é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que se refere à diferença entre aquilo que a criança pode realizar de forma independente e o que ela pode alcançar com o auxílio de um adulto ou colega mais experiente. O nível de desenvolvimento real é aquele em que a criança consegue realizar tarefas de forma autônoma, enquanto o

nível de desenvolvimento potencial diz respeito às atividades que ela consegue realizar com a ajuda de um mediador. Quando a criança consegue realizar uma atividade por conta própria, ela se encontra na “zona de desenvolvimento autossuficiente”; na ZDP, ela depende do apoio de alguém que intervenha para guiá-la, favorecendo o desenvolvimento das habilidades e conhecimentos em processo de maturação. Vygotsky (1978) afirma que "o aprendizado é de natureza social e faz parte de um processo no qual a criança desenvolve seu intelecto dentro da intelectualidade daqueles que a cercam".

A teoria vygotskiana sublinha que o aprendizado ocorre de maneira mais eficaz quando os alunos recebem apoio social e intelectual, ou seja, dentro de sua ZDP. No entanto, a mentalidade fixa pode dificultar esse processo, pois alunos que acreditam que suas habilidades são inatas e imutáveis tendem a evitar desafios. Por outro lado, a mentalidade de crescimento, conforme abordada por Dweck (2017), permite que os alunos encarem o erro como parte do processo de aprendizagem, facilitando seu avanço dentro da ZDP ao enfrentarem desafios e receberem orientação.

De acordo com Garcia (2001), "o papel primordial da linguagem é a comunicação e o intercâmbio social". A forma como o professor se comunica com o aluno sobre sua capacidade, que pode ser questionada por seu próprio pensamento, tem um impacto substancial no desenvolvimento cognitivo e define sua maneira de pensar. Nesse sentido, Vygotsky (Murray Thomas, 1993) ressalta que, "no processo de desenvolvimento cognitivo, a linguagem desempenha um papel crucial na determinação de como a criança aprenderá a pensar, uma vez que formas mais avançadas de pensamento são transmitidas à criança por meio das palavras".

Dweck (2017) explora, em sua obra, uma série de mensagens transmitidas por pais a seus filhos e por professores a seus alunos. Essas mensagens podem ter um impacto positivo, fazendo com que o aluno acredite em sua capacidade de superar desafios, ou podem contribuir para a desistência e a falta de esforço nas atividades escolares. Algumas dessas mensagens podem parecer inofensivas, mas, ao incentivar uma autoestima superficial, podem resultar na inação e na falta de persistência em contextos educacionais.

:

“Você aprendeu isso tão depressa! Você é tão inteligente!”.

“Olhe esse desenho. Marta, ele será um novo Picasso!”.

“Você é brilhante, tirou dez sem sequer ter estudado!”.

Essas são as mensagens que as crianças ouvem:

Se eu não aprender alguma coisa depressa, significa que não sou inteligente.
Não devo tentar desenhar nada sério, porque vão ver que não sou nenhum Picasso.
É melhor eu parar de estudar, ou não vão mais me achar brilhante.

Comumente, fazemos tais elogios com a intenção de estimular a confiança dos alunos e promover sua realização. No entanto, a pesquisa realizada por Dweck (2017) revela que “elogiar a inteligência das crianças pode prejudicar sua motivação e seu desempenho”.

Como pode ser isso, se as crianças adoram ser elogiadas?

Claro, as crianças adoram elogios. E gostam especialmente de ser elogiadas por sua inteligência e seu talento. Sem dúvidas, isso as estimula, as faz resplandecer –porém, apenas momentaneamente. No instante em que encontram uma dificuldade, a confiança desaparece e a motivação desce ao mínimo. Se o sucesso significa que são inteligentes, nesse caso o fracasso significa que são burras. Eis o mindset fixo. (Dweck, 2017, p 85)

O trabalho de Vygotsky (1991) visa contribuir para a compreensão do desenvolvimento da cognição humana. De acordo com Vygotsky (1991), “a linguagem desempenha um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo”. Ele argumenta que, em determinado momento, a linguagem se internaliza no pensamento da criança, integrando-se ao seu subconsciente. Isso ressalta a importância de compreender a influência da mentalidade no processo de aprendizagem.

2.4 A Influência da Mentalidade no Processo de Aprendizagem

Segundo Oliveira (1993, p. 57), aprendizagem é

[...] o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas [...] Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sóciohistóricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo [...] O termo que ele utiliza em russo (*obuchenie*) significa algo como 'processo de ensino-aprendizagem', incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas.

A aprendizagem ocorre por meio de uma relação de interdependência, na qual todos os envolvidos compartilham o mesmo foco e objetivo: aprender e ensinar. Esse processo, essa interação, é permeada por sentimentos, emoções e atitudes, tanto internas quanto externas, que podem contribuir ou dificultar a aquisição do conhecimento. Como afirma Fonseca (2016) em seu artigo intitulado 'A importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica', ele discute o impacto das emoções no processo de aprendizagem. De fato, a escola tem a responsabilidade de garantir a formação integral dos alunos, e a emoção desempenha um papel fundamental nesse processo formativo:

As emoções como estados mentais, positivos ou negativos, conscientes ou inconscientes, têm assim um impacto muito relevante nas funções cognitivas e executivas da aprendizagem, podem transformar experiências, situações e desafios difíceis e complexos, em algo de agradável e de interessante, ou pelo contrário, em algo aborridível, fastioso, enfadonho ou detestável. (Fonseca, 2016, p. 369)

A mentalidade de crescimento, conceito abordado por Carol Dweck no livro *Mindset*, é um caminho potencialmente positivo para o processo de aprendizagem, pois influencia significativamente a forma como o indivíduo percebe suas qualidades e capacidades, permitindo que se veja como alguém capaz de evoluir e aprender. Este estado mental, denominado *mindset* de crescimento, impacta diretamente as emoções e as crenças do indivíduo sobre si mesmo, o que, por sua vez, motiva seu processo de aprendizagem e transforma sua experiência educacional. Como Fonseca (2016) afirma em seu artigo "A importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica", as emoções estão intrinsecamente relacionadas às funções de atenção, significação e valor social, e têm um impacto

relevante no processo de aprendizagem. Nesse contexto, a escola deve garantir a formação integral dos alunos, o que inclui reconhecer e incorporar a importância das emoções nesse processo formativo.

Dweck (2017) identifica duas abordagens fundamentais de mentalidade, as quais podem influenciar positiva ou negativamente a vida e o aprendizado dos indivíduos. Essas mentalidades estabelecem tendências comportamentais distintas nos sujeitos, sendo elas:

- Mentalidade de crescimento: Os indivíduos com essa mentalidade acreditam no desenvolvimento contínuo de suas inteligências e valorizam o aprendizado. Encaram os desafios como oportunidades de crescimento e veem o esforço como o caminho para se tornarem mais inteligentes e talentosos. Demonstram persistência diante das dificuldades, aprendem com as críticas e consideram o sucesso alheio como uma fonte de inspiração.
- Mentalidade fixa: Aqueles que possuem essa mentalidade acreditam que suas características pessoais, como inteligência e talento, são imutáveis. Tendem a evitar desafios, desistem facilmente diante de obstáculos e veem o esforço como um sinal de falta de inteligência. Desconsideram as críticas construtivas e interpretam o sucesso dos outros como uma ameaça.

De acordo com Farrington et al. (2012a), no relatório *Teaching Adolescents to Become Learners*, a mentalidade de crescimento está fortemente associada ao desenvolvimento de fatores não cognitivos essenciais para o sucesso escolar, como perseverança, senso de pertencimento e autorregulação comportamental. Os autores afirmam que "as crenças sobre a própria capacidade de aprender e melhorar são cruciais para o engajamento acadêmico" (Farrington et al., 2012a, p. 14).

Estudantes que acreditam que suas habilidades podem ser desenvolvidas por meio de esforço e estratégias eficazes tendem a persistir diante das dificuldades e a se engajar mais ativamente no processo de aprendizagem (Farrington et al., 2012a). Em contraste, os alunos com mentalidade fixa geralmente interpretam o fracasso como um reflexo de sua incapacidade, o que os leva a evitar desafios e a desmotivar-se diante de obstáculos. Os autores ressaltam que, ao promover uma cultura escolar baseada na crença de que o esforço resulta em melhoria, os

educadores podem aumentar tanto o desempenho quanto a resiliência dos alunos, especialmente daqueles que enfrentam maiores desafios acadêmicos.

As características associadas à mentalidade fixa podem ser observadas em alunos em diversos níveis educacionais. É comum ouvirmos professores relatar desinteresse e desatenção por parte dos alunos, falta de empenho e dedicação nas atividades escolares, e receio de enfrentar desafios ou superar obstáculos. Esse cenário gera um desgaste significativo para os professores, que frequentemente se esforçam para criar atividades envolventes, sem saber como motivar os alunos. Esse tipo de mentalidade fixa é, portanto, visível no comportamento de muitos alunos, o que pode comprometer tanto o seu envolvimento quanto o seu desempenho acadêmico.

De acordo com Vygotsky (1991), todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade (Luria, 1976). Portanto, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos. São, isto sim, resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve. Consequentemente, a história da sociedade na qual a criança se desenvolve e a história pessoal desta criança são fatores cruciais que vão determinar sua forma de pensar. (Vygotsky, 1991, p. 4)

Essa mentalidade, forma de pensar fixa, não é de origem congênita, tem origem na história pessoal das crianças e afeta o seu resultado no processo de adquirir conhecimento.

Existem diversos fatores que podem interferir negativa ou positivamente no processo de aprendizagem do aluno. Entre eles, destacam-se aspectos ambientais, econômicos, sociais, afetivos, psicológicos, emocionais e familiares. Fatores como condições habitacionais, sanitárias, de higiene e de nutrição também são considerados determinantes para a aprendizagem do aluno na escola e fora dela. São condições fundamentais para que a criança tenha a sua saúde preservada e mantenha as condições físicas e psicológicas necessárias à aprendizagem. (Gomes, 2018, p. 1)

De acordo com Dweck (2017), os mindsets podem ser compreendidos como crenças: "São crenças poderosas, mas são apenas algo que reside na mente, e você pode mudar sua mente". Além disso, ela afirma que "Cada um de nós é capaz

de se modificar e se desenvolver por meio do esforço e da experiência". Nesse contexto, é fundamental auxiliar o estudante a transformar a percepção negativa que possui de si mesmo — como se fosse incapaz, sem inteligência ou destreza para realizar atividades —, permitindo-lhe compreender que suas habilidades podem ser aprimoradas conforme adquire novos conhecimentos, e que ele não deve se deixar paralisar diante dos desafios.

Nesse sentido, Farrington et al. (2012a) aprofundam a discussão ao apresentar quatro mentalidades acadêmicas que impactam diretamente o engajamento e o desempenho dos alunos. Estas são: "Eu pertenço a esta comunidade acadêmica"; "Minha habilidade cresce com meu esforço"; "Eu posso ter sucesso nisso"; e "Este trabalho tem valor para mim". Quando essas crenças são internalizadas, elas fortalecem a motivação intrínseca dos estudantes, ampliando sua disposição para enfrentar desafios e favorecendo o desenvolvimento de uma mentalidade de crescimento.

Os autores também associam essas mentalidades à perseverança acadêmica, definida como a capacidade de manter o foco, o esforço e a dedicação nas tarefas escolares, mesmo diante de dificuldades ou distrações. A perseverança acadêmica demanda habilidades como autocontrole, autodisciplina e o adiamento da gratificação — aspectos que são fundamentais para o sucesso educacional de longo prazo. Ao acreditar que suas habilidades podem evoluir por meio do esforço e que o trabalho que realizam tem valor, os alunos tendem a persistir mais e a se engajar de forma mais profunda no processo de aprendizagem.

Portanto, promover a mentalidade de crescimento não só favorece o desenvolvimento cognitivo dos alunos, mas também contribui significativamente para o fortalecimento de aspectos socioemocionais, que são indispensáveis à formação integral dos estudantes. Esse quadro reforça a relevância de práticas pedagógicas que acolham o erro como parte do processo de aprendizagem, valorizem o esforço contínuo e estimulem os alunos a desenvolverem uma visão positiva sobre suas próprias capacidades e sobre sua aptidão para aprender.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, considerando que se trata de uma análise bibliográfica. Dentro dessa abordagem, foi empregada a técnica de análise de conteúdo para examinar os materiais coletados. Esta técnica permitiu identificar conceitos centrais relacionados à influência da mentalidade no processo de aprendizagem dos alunos.

A coleta de dados foi realizada por meio de fontes secundárias variadas, como livros, artigos científicos, revistas acadêmicas e outros trabalhos que discutem o tema em questão. Para assegurar a qualidade e a relevância das informações utilizadas, foram estabelecidos critérios específicos para a seleção das fontes, considerando a credibilidade dos autores, a pertinência ao tema da psicologia educacional e a publicação em periódicos acadêmicos de reconhecida excelência. Além disso, foram utilizadas bases de dados acadêmicas, tais como Google Acadêmico e Scielo, a fim de garantir o acesso a materiais atualizados e de alta confiabilidade.

A análise dos dados coletados foi conduzida por meio de uma leitura crítica das fontes selecionadas, utilizando a técnica de análise de conteúdo. Os principais conceitos relativos à mentalidade dos alunos no processo de aprendizagem e suas crenças sobre suas próprias habilidades foram organizados a partir da categorização das informações mais relevantes. Este processo permitiu a identificação de padrões e relações entre os conceitos, contribuindo para a compreensão do impacto da mentalidade na atitude dos alunos diante dos desafios da aprendizagem e da aplicação do conceito de mentalidade de crescimento no contexto educacional.

A fundamentação teórica deste estudo baseia-se, principalmente, nas contribuições de Dweck (2017), Piaget (2010) e Vygotsky (1991). Dweck introduziu o conceito de mentalidade fixa e mentalidade de crescimento, destacando seu impacto no desenvolvimento acadêmico. Piaget contribuiu para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, demonstrando como os alunos constroem conhecimento a partir de suas interações e experiências. Vygotsky, por sua vez, enfatiza o papel do contexto social e das interações no processo de aprendizagem. A interligação dessas teorias fortalece a análise do estudo, evidenciando como os diferentes aspectos da mentalidade podem influenciar o processo de aprendizagem.

4 DISCUSSÃO

A literatura revisada neste estudo evidencia que as crenças que os alunos mantêm sobre sua própria capacidade de aprender exercem influência direta sobre sua motivação, persistência e desempenho escolar. Dweck (2017) destaca que estudantes com uma mentalidade de crescimento tendem a encarar os erros como oportunidades de aprendizado, ao passo que aqueles com uma mentalidade fixa evitam desafios por receio do fracasso. Segundo a autora, “a paixão pela aprendizagem é uma das qualidades mais essenciais para o sucesso” (DWECK, 2017, p. 57), evidenciando a importância de cultivar essa perspectiva no contexto escolar.

Corroborando essa visão, Farrington et al. (2012a), no relatório *Teaching Adolescents to Become Learners*, argumentam que as crenças acerca da própria capacidade de aprendizagem são fatores determinantes para o sucesso acadêmico, podendo, em determinados contextos, ter maior impacto que habilidades cognitivas. De acordo com os autores, “crenças acadêmicas, especialmente a crença de que o esforço pode levar à melhoria, são previsores significativos do engajamento e da persistência escolar” (FARRINGTON et al., 2012a, p. 14). Tal constatação reforça a relevância de estratégias pedagógicas que visem à construção de uma mentalidade positiva e proativa entre os alunos, especialmente durante a adolescência.

A articulação das contribuições teóricas de Dweck, Piaget e Vygotsky proporciona uma compreensão mais ampla dos mecanismos que regem a aprendizagem e das condições que a favorecem. Piaget (2010) enfatiza que o erro constitui parte integrante do processo de construção do conhecimento, afirmando que “a inteligência se forma na adaptação contínua do sujeito ao meio” (PIAGET, 2010, p. 15). Tal perspectiva converge com a proposta de Dweck ao valorizar o esforço e a resiliência diante das dificuldades.

Vygotsky (1991), por sua vez, destaca a importância das interações sociais e do contexto cultural no processo educativo. Seu conceito de “zona de desenvolvimento proximal” (ZDP) revela que o estudante pode ultrapassar suas capacidades atuais quando apoiado por um mediador experiente, como o professor. Essa concepção fortalece o argumento de que a promoção da mentalidade de

crescimento deve estar acompanhada de práticas pedagógicas intencionais, que incentivem a autoconfiança e a disposição para enfrentar desafios.

Complementando essas abordagens, Farrington et al. (2012a) enfatizam a relevância de fatores não cognitivos, como perseverança, senso de pertencimento e autorregulação, para a constituição de um aluno engajado. Os autores ressaltam que “as escolas precisam cultivar um ambiente onde os alunos sintam que pertencem, que podem melhorar e que seus esforços são valorizados” (FARRINGTON et al., 2012a, p. 33). Essa constatação aponta para a necessidade de investimentos em formação docente contínua, oficinas pedagógicas e ações voltadas ao fortalecimento da cultura escolar.

Ainda que as teorias analisadas apresentem consistência e embasamento empírico, é necessário considerar os contextos socioculturais nos quais foram desenvolvidas. A teoria da mentalidade de crescimento, proposta por Dweck, assim como os estudos de Farrington et al., foram majoritariamente construídos a partir de realidades estadunidenses, o que pode gerar desafios em sua aplicação em contextos educacionais diversos, como o brasileiro. Este, por sua vez, é marcado por desigualdades socioeconômicas, elevadas taxas de evasão escolar e múltiplos desafios emocionais enfrentados por estudantes. Ainda assim, os princípios fundamentais dessas abordagens demonstram relevância universal, podendo ser adaptados com sensibilidade às especificidades locais. Contudo, é imperativo que o incentivo ao esforço venha acompanhado de suporte emocional, metodologias inclusivas e valorização do processo de aprendizagem, não apenas de seus resultados.

Outro desafio importante é a resistência à mudança de crenças profundamente enraizadas — tanto entre os alunos quanto entre os educadores. A mera exposição ao conceito de mentalidade de crescimento não é suficiente para garantir sua assimilação; é necessário um trabalho pedagógico contínuo, coeso e sistemático. Como alerta Dweck (2017), “não basta dizer que o esforço é importante; é preciso mostrar como e por que ele leva ao sucesso” (p. 102).

Este estudo baseou-se em pesquisa de natureza bibliográfica, não envolvendo coleta de dados empíricos, o que representa uma limitação quanto à observação direta dos efeitos da mentalidade de crescimento no cotidiano escolar.

Para fortalecer os achados aqui apresentados, são recomendadas futuras investigações empíricas que explorem, por exemplo, o impacto de intervenções educacionais voltadas à promoção de uma mentalidade de crescimento em diferentes contextos educacionais. Tais estudos poderiam incluir a análise da percepção de professores sobre essas teorias, bem como o exame de práticas escolares já orientadas para o desenvolvimento de competências socioemocionais, conforme sugerido por Farrington et al. (2012a). Assim, seria possível validar e complementar as conclusões teóricas deste trabalho com evidências práticas e situadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender de que maneira a mentalidade dos alunos — seja ela fixa ou de crescimento — influencia o processo de aprendizagem. Fundamentado nas contribuições teóricas de Carol Dweck, Jean Piaget e Lev Vygotsky, o estudo evidenciou que a forma como os estudantes enfrentam desafios, lidam com os erros e percebem sua própria capacidade de aprender está profundamente relacionada às crenças que nutrem sobre si mesmos.

A análise da literatura demonstrou que a mentalidade de crescimento favorece não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o emocional, ao incentivar a persistência, a superação de obstáculos e a valorização do esforço. Em contraste, a mentalidade fixa tende a gerar sentimento de insegurança, medo do fracasso e evitação de desafios, o que pode comprometer significativamente a trajetória escolar dos discentes.

Ao relacionar os fundamentos teóricos à prática pedagógica, observou-se que a adoção de estratégias voltadas à promoção de uma mentalidade de crescimento pode contribuir substancialmente para o sucesso escolar. Para tanto, é necessário que os educadores desenvolvam um olhar sensível e atento às crenças dos alunos, bem como que promovam ambientes educacionais que acolham o erro como parte integrante do processo de aprendizagem.

Apesar da relevância dos achados, esta investigação apresentou limitações inerentes à sua natureza exclusivamente bibliográfica, sem o respaldo de uma

abordagem empírica. Assim, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a temática por meio de observações sistemáticas e intervenções em contextos escolares reais, com vistas à validação prática das contribuições teóricas aqui discutidas.

Conclui-se, portanto, que fomentar uma mentalidade de crescimento entre os alunos configura-se como uma estratégia pedagógica eficaz, capaz de promover aprendizagens mais significativas, além de favorecer o desenvolvimento da autonomia, da resiliência e da autoconfiança no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

DWECK, Carol S.; DUARTE, Sérgio. *Mindset: a nova psicologia do sucesso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

FARRINGTON, C. A. et al. *Teaching adolescents to become learners: the role of noncognitive factors in shaping school performance*. Chicago: University of Chicago Consortium on Chicago School Research, 2012.

FERRACIOLI, L. Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em Ciências. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 80, n. 194, 1999.

FERRACIOLI, L. Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem na obra de Piaget. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 180–194, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6808>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 nov. 2024.

GARCIA, Sônia Maria dos Santos. A construção do conhecimento segundo Jean Piaget. *Ensino em Revista*, 2010.

GOMES, Manoel Messias. Fatores que facilitam a aprendizagem. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, 2018.

TABILE, Ariete Fröhlich; JACOMETO, Marisa Claudia Durante. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 75-86, 2017. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2024.

VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.